

Letícia Seeling de Brito

A Utopia Ambígua de Ursula K. Le Guin

Monografia apresentada como exigência do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de licenciatura em História.

Orientador: Henrique Estrada Rodrigues.

Rio de Janeiro, Dezembro de 2021

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador, o professor Henrique Estrada Rodrigues, pelo apoio durante a pesquisa, a ajuda na construção do texto, e as discussões no grupo de estudos de utopia, sem as quais a ideia para esse trabalho não teria surgido. Agradeço também ao PIBIC, por ter me possibilitado fazer essa pesquisa e ao professor João Duarte que concordou em ser o leitor crítico deste trabalho.

Sou grata também aos professores e funcionários do departamento de história da PUC-Rio, à minha família e amigos, e em especial, a Tomás Cortes Bartholo, pelas discussões sobre ficção científica, conselhos sobre escrita acadêmica e paciência infinita.

3

Resumo: Ursula K. Le Guin foi uma celebrada autora americana de ficção

científica e fantasia. Seus livros discutem questões importantes sobre gênero,

política, antropologia e como viver em sociedade. Em 1974, publicou "Os

Despossuídos", tema desse trabalho, livro no qual ela apresenta uma sociedade

anarquista imperfeita, uma utopia ambígua. O foco dessa pesquisa é explorar a obra

de Le Guin para melhor compreender a relação do livro "Os Despossuídos" com a

tradição utópica e o gênero da ficção científica.

Palavras-chave: Utopia; Romance; Ursula K. Le Guin, ficção científica

Abstract: Ursula K. Le Guin was an acclaimed American science fiction and

fantasy author. Her books discuss important questions about gender, politics,

anthropology and how best to live in society. In 1974 she published "The

Dispossessed", the main theme of this work, a book in which she presents an

imperfect anarchist society, an ambiguous utopia. The focus of this research is to

explore Ursula Le Guin's work to better understand the relationship between "The

Dispossessed" and utopian tradition, as well as science fiction.

Keywords: Utopia, novel, Ursula K. Le Guin, science fiction

Sumário

Introdução Capítulo 1 – Contextualização da obra de Le Guin Capítulo 2 - Os Despossuídos Considerações Finais Bibliografia:	8 19	
		42

Introdução

Ursula Kroeber Le Guin foi uma autora americana de ficção científica e fantasia. Ela nasceu na Califórnia, em 1929, na cidade de Berkeley. Sua obra inclui uma ampla gama de gêneros literários, incluindo vinte e três romances, além de volumes de contos, de poesia, livros infantis, coleções de ensaios, e volumes de tradução, com livros traduzidos em 42 línguas.

Uma das características fundamentais de sua obra é o foco na construção de mundos fictícios extremamente diversos e detalhados que aparecem em seus romances. Cada mundo diferente que a autora cria é utilizado para explorar diferentes modos de vida, normas culturais e sociais, e os conflitos que podem surgir quando dois povos se encontram. A autora foi introduzida a uma variedade de culturas quando criança, por seus pais, o antropólogo Alfred Kroeber e a escritora e psicóloga Theodora Kroeber ³. Le Guin afirma que essa influência foi extremamente importante para despertar seu interesse por criar culturas fictícias e refletir sobre como a cultura afeta a personalidade "Meu pai estudava culturas reais, e eu as inventava, de certo modo." ⁴

Para Le Guin, a ficção representa um "sistema aberto", em que o potencial para pensar sobre ideias e padrões não está restringido por sistemas sociais e de pensamento herdados de sua própria cultura.⁵ A escrita de Le Guin pode ser classificada como aberta e diversa, seus mundos repletos de seres e sociedades frequentemente encontrados em cenários alternativos à realidade da autora e do leitor.⁶

Os mundos de ficção científica oferecem aos leitores a chance de expandir suas mentes ao experimentar um mundo alternativo e depois a chance de retornar à realidade com uma perspectiva nova, "Por exemplo, o leitor pode descobrir que o

³ WOOD, Susan, "Introduction", In: LE GUIN, Ursula K. *The Language of the Night*, Nova York: Putnam's. 1979.

¹ ABOUT Ursula K. Le Guin. *Ursula K. Le Guin*. Biography. Disponível em: https://www.ursulakleguin.com/biography Acesso em: 1/12/2021.

² Ibid.

⁴ CUMMINS, Elizabeth. *Understanding Ursula K. Le Guin*. Columbia: University of South Carolina Press, 1993. p. 2.

⁵ GREENBERG, Martin Harry. OLANDER, Joseph D., "Introduction," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). *Ursula K. Le Guin*. Nova York: Taplinger, 1979. ⁶ Ibid.

progresso tecnológico pode destruir o meio ambiente, que a matemática é uma ferramenta que constrói mais do que descreve a realidade, ou que o a maneira como um indivíduo lida com o outro que não é familiar é o que determina a natureza da sociedade."⁷

O presente trabalho visa investigar a obra de Ursula K. Le Guin "Os Despossuídos: Uma Utopia Ambígua", tentando compreender melhor como a autora se relaciona com a tradição utópica e distópica e a ficção cientifica. No decorrer do texto, eu buscarei identificar conceitos e temas importantes no livro "Os Despossuídos" e traçar sua historicidade na obra da autora.

No romance que será analisado neste trabalho, os planetas de Urras e Anarres, criados pela autora e descritos nas páginas do livro como sociedades complexas com culturas próprias, contêm tanto elementos utópicos como distópicos, levantando questões interessantes sobre isolamento, autonomia e revolução.

No primeiro capítulo, farei um panorama da história da tradição utópica desde Thomas More até o século XX, quando a distopia ganha força no cenário cultural pós-guerra, e como a tradição utópica renasce no gênero da ficção científica a partir dos anos 1970, com autores como Le Guin, Joanna Russ e Sanuel Delany. Apresentarei a autora e o contexto histórico dos anos 70 que permite a renovação da utopia e abordarei temas que são recorrentes em sua obra e que serão importantes para a minha análise de "Os Despossuídos", como a influência do taoismo, o conceito de utopia estática de Naomi Jacobs e da utopia crítica, de Tom Moylan.

No capítulo 2, discutirei a questão da ambiguidade na utopia de Le Guin, já que muitos críticos discordam sobre o gênero literário de "Os Despossuídos", classificando-o como utopia ou distopia. Como solução, apresentarei a possibilidade de classificá-lo como uma utopia dinâmica, a partir do argumento de Lawrence Davis. Farei ainda uma apresentação dos pontos importantes do enredo do romance, sua estrutura formal, e seus temas principais, como o isolamento, e a alienação. Em seguida, apresentarei um pouco da história do gênero de ficção científica, e seus elementos fundamentais, mobilizando a teoria do estranhamento

⁷ CUMMINS, Elizabeth. *Understanding Ursula K. Le Guin*. Columbia: University of South Carolina Press, 1993, p. 7.

cognitivo de Darko Suvin — um dos críticos mais importantes na área da ficção científica — e demonstrarei como esses elementos aparecem no romance, mesclando-se aos temas centrais da tradição utópica.

Ainda no segundo capítulo, exponho as influências do movimento anarquista sobre a criação da sociedade utópica do romance, usando como base figuras anarquistas importantes citadas por Le Guin, como Peter Kropótkin, Emma Goldman e Paul Goodman. Por fim, dedico uma seção à influência do romance "Nós" de Yevgeny Zamyatin sobre "Os Despossuídos". "Nós" é um marco literário do século XX, sendo uma das inspirações para o livro de George Orwell, "1984" e mostra uma mudança de interesses, no pós-guerra, quando tendências distópicas na literatura se tornam mais fortes. O livro serve como contraste para pensar a obra de Le Guin, por ter um tom mais pessimista e anti-utópico, apesar de ter diversos elementos semelhantes, como discutirei mais tarde.

Assim, este trabalho mobiliza temas importantes e influências na obra de Le Guin para melhor compreender "Os Despossuídos" e seu lugar na tradição utópica, procurando traçar uma história dos interesses, objetos e conceitos que aparecem no livro e que também podem ser encontrados no restante da obra da autora.

Capítulo 1 – Contextualização da obra de Le Guin

Nesse capítulo, pretendo apresentar a obra de Ursula K. Le Guin e contextualizar seu trabalho, suas influências e referenciais, e seu projeto literário.

Os anos 1970, segundo Thomas Moylan, foram um período de renovação da escrita utópica, dentro do gênero da ficção científica. Essa nova narrativa utópica transcendia tanto a utopia do século XIX (Bellamy, Morris) quanto a distopia pessimista do século XX (Orwell, Huxley). Para Moylan, "Os Despossuídos", de Ursula K. Le Guin, poderia ser considerado uma das "utopias críticas" que surge nesse período.⁸

O conceito de utopia crítica de Tom Moylan é descrito no livro de 1986, "Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination". O autor delineia as raízes da tradição utópica, citando o jardim do Éden e a República de Platão, mas afirma que há um consenso que o início do gênero utópico seria a Utopia de Thomas More, de 1516. Para ele, as utopias críticas na segunda metade do século XX incluem "The Female Man" de Joanna Russ, "Os despossuídos", "Woman on the Edge of Time" de Marge Piercy e "Triton" de Samuel R. Delany.9

Moylan explica, a partir de estudos de A. L. Morton¹⁰, no livro "*The English Utopia*", as conexões entre a escrita utópica e o crescimento de um novo sistema econômico e social. More escreveu sua utopia em um período no qual a economia de subsistência e as relações da sociedade feudal davam lugar a relações mais fluidas, uma economia de produção em expansão, e uma ênfase maior no consumo e acumulação de lucro. A velha ordem cultural dava lugar a uma nova, e as instituições, normas e formas narrativas desenvolvidas podiam ser compatíveis com as classes ascendentes que dominavam os novos sistemas de produção, ou podiam

-

⁸ MOYLAN, Beyond Negation: The Critical Utopias of Ursula K. Le Guin and Samuel R. Delaney. 1980, p. 236.

⁹ MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Oxford: Peter Lang, 2014. p. 1

¹⁰ A.L. Morton foi um historiador marxista inglês. No livro The English Utopia, publicado em 1952, o autor analisa a história da escrita utópica na Inglaterra.

se alinhar com os subordinados daquela economia. Havia uma terceira opção, ser sensível a ambos os grupos, que era o caso da Utopia de More.¹¹

More acolhia o novo paradigma social, e descrevia sua sociedade em termos humanistas de seu tempo, mas também tentava imaginar uma sociedade que fosse mais justa com os camponeses, servos e artesãos que foram deslocados pelos cercamentos. ¹² Moylan enfatiza que as alternativas encontradas por More para os problemas de seu tempo não eram planos ou mapas para serem seguidos ao pé da letra, mas apenas começos, no nível da imaginação, de soluções para problemas da realidade. ¹³

Moylan menciona a crítica de Engels às utopias em "Socialismo: utópico ou científico", na qual Engels acusa autores como Saint-Simon, Owen e Fourier de não levar em conta condições históricas ou o processo revolucionário. Moylan vai contra essa visão, afirmando que, apesar de ser uma crítica útil, Engels não teria dado atenção aos efeitos de formação ideológica que a imaginação utópica pode ter sobre seus leitores.¹⁴

A partir de 1850, as classes dominantes consolidaram seu poder e ocuparam um espaço ainda maior na vida cotidiana e o sistema de lucro e controle tinha se difundido, tornando-se mais generalizado. Desenvolve-se, nesse contexto, uma escrita utópica ainda mais subversiva. Miguel Abensour identificou a mudança subsequente na narrativa utópica como uma da "construção sistemática de modelos organizacionais para um discurso mais aberto e heurístico de valores alternativos". Moylan destaca que "o *Staatsroman* alemão do século 18, orientado pela organização, que descrevia o Estado perfeito não era mais um tipo de texto útil em um momento no qual as estruturas de dominação estavam firmemente fixadas." ¹⁵

Em vez disso, as utopias a partir de 1850 adotavam uma atitude mais preocupada com ensinar e expor para o leitor o potencial ainda não realizado do projeto humano de estar conscientemente no mundo, como faz um romance como

¹¹ MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Oxford: Peter Lang, 2014, p. 2

¹² ibid, p. 2

¹³ ibid, p. 3

¹⁴ ibid, p. 5

¹⁵ ibid, p. 5.

Notícias de Lugar Nenhum, de William Morris, ou Olhando para Trás, de Edward Bellamy. ¹⁶

Além disso, nesse ponto vemos o deslocamento da utopia do espaço para o tempo¹⁷, o que leva a um foco maior no processo revolucionário.¹⁸

Moylan argumenta que a partir desse deslocamento para uma preocupação com valores cotidianos e consideração do processo revolucionário, a utopia estava em sua fase mais subversiva. ¹⁹ No entanto, a partir de 1920, a estrutura de poder corporativa conseguiu consolidar seu controle sobre a sociedade industrial, além de reprimir ou cooptar a maioria das formas de oposição. ²⁰

O autor afirma que o século XX se mostrou difícil para o gênero utópico, trazendo uma atmosfera de pessimismo para a cena literária utópica. Com guerras mundiais, totalitarismo, genocídio, depressões econômicas, destruição nuclear e manipulações da sociedade de consumo, o discurso utópico foi emudecido ou cooptado na forma de propaganda. Isso ocorreu tanto no capitalismo quanto nos estados socialistas, ambos afirmando que a utopia já havia sido atingida. Apesar de haver publicações utópicas a cada ano, a impressão geral nas sociedades industriais do pós-guerra era a de que a utopia não era mais necessária, porque já teria chegado à vida cotidiana, ou por ser um sonho inatingível. O cenário muda, no entanto, a partir das revoltas sociais dos anos 60.²¹

Aqui entramos no conceito de utopia crítica em si. Os conflitos dos anos 1960, enraizados na riqueza que dependia da exploração da humanidade e da natureza criaram o cenário para a criação de um novo utopianismo subversivo.²²

-

¹⁶ ibid, p. 5

¹⁷ Koselleck aponta no livro Estratos do Tempo, como a utopia passa a ser localizada no tempo e não no espaço com a publicação de "O ano 2440" de Louis-Sebastien Mercier, em 1770. Até esse ponto, a representação das utopias incluía um viajante que desembarcava em uma costa estrangeira e descobria um estado ideal. Em 1770, no entanto, quase nenhum trecho costeiro do planeta permanecia inexplorado, esgotando as possibilidades espaciais de localizar a utopia na Terra. Com Mercier, aparece a solução: o romance futurístico.

¹⁸ KOSELLECK, Reinhart. "A temporalização da utopia" In: KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre a história*. Contraponto: Ed. Puc Rio, Rio de Janeiro, 2014.

¹⁹ MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Oxford: Peter Lang, 2014. p. 6.

²⁰ ibid, p. 7.

²¹ ibid, p. 9.

²² ibid, p. 9.

Apesar de os protestos de 1968 terem sido reprimidos, seu espírito sobreviveu no ativismo que marcou um retorno à pauta humanitária de cooperação, ajuda mútua, igualdade e ecologia. Moylan afirma que esse desejo pelo potencial ainda não realizado da comunidade humana foi expresso de maneiras diversas nos anos 1960 e 1970. ²³

Nesse contexto, estimulada pela influência da ficção científica, a escrita utópica ganhou nova vida com os romances de Russ, Le Guin, Piercy, Delaney, entre outros. Esses novos romances negavam a negação da utopia pelas forças do século XX. É preservada a imagética ("*imaging*") subversiva da sociedade utópica e a negatividade radical da percepção distópica, enquanto o tédio sistematizador da utopia tradicional e a cooptação da utopia por estruturas modernas é destruído. Assim, a escrita utópica dos anos 1970 foi salva por sua própria destruição, e transformação na "utopia crítica", "crítica no sentido do Iluminismo de "*critique*", isto é, expressões de pensamento opositor, desvelando, desmascarando, tanto o gênero em si quanto a situação histórica. ²⁴

Moylan aponta algumas das características centrais desses textos: eles rejeitam a utopia como um diagrama ou matriz a ser copiada, e a preservam como um sonho. Além disso, eles exploram o conflito entre o mundo imaginário e a sociedade utópica oposta a ele, de modo que o processo de mudança social é articulado mais diretamente. Os romances também focam na presença de diferenças e imperfeições dentro da sociedade utópica em si, se tornando alternativas mais dinâmicas. ²⁵

Moylan levanta algumas possíveis explicações para esse desenvolvimento do gênero utópico nos anos 1970. O contexto de pós-guerra, para ele, teria estimulado o movimento de ir além do cinismo, medo e anticomunismo. Além disso, ele cita como fatores importantes os desenvolvimentos positivos na ciência e tecnologia, o controle de doenças, e a atividade social, econômica e política dos anos 60, incluindo os direitos civis, movimentos anti-guerra, ecologia e liberação sexual.

²³ ibid, p. 10.

²⁴ ibid, p. 10.

²⁵ ibid, p. 10.

Outro ponto importante nessa discussão é levantado por Naomi Jacobs, em seu artigo, "Beyond Stasis and Symmetry: Lessing, Le Guin, and the Remodeling of Utopia". A autora afirma que a simetria e clareza das utopias clássicas eram consequência de uma tentativa de imitar uma criação divina equilibrada e estável. Essa imagem da utopia, de acordo com Mumford, citado por Jacobs, vem da cidade grega antiga, que era uma "representação simbólica do universo em si... feita no molde dos céus". (p. 109).

Para Jacobs, mesmo as utopias progressivas do século XIX, que tentaram encorajar maior diversidade, usavam métodos "mecânicos", o cálculo, a classificação, o progresso do desenvolvimento humano de um nível ao próximo. Essas utopias, para a autora, atingiram seus objetivos, nada pode ser projetado para seus habitantes, além de uma versão maior ou mais pura do que eles já têm.²⁶

Essa estabilidade idealizada toma uma conotação infernal no século XX, quando a revolução russa levou ao que parecia ser um totalitarismo imutável. Como resultado, as distopias do século XX caricaturaram o estado estável valorizado pelas utopias clássicas. Esse estado passa a ser uma cristalização da vida em que nada acontece.²⁷

Laurence Davis aborda o argumento de que o pensamento utópico não poderia reconhecer o fluxo do processo histórico no primeiro capítulo do livro "*The new utopian politics of Ursula K. Le Guin's The Dispossessed*", no qual ele afirma utopias não são necessariamente estáticas, a partir da questão do tempo no livro Os Despossuídos.

Davis argumenta que, em Os Despossuídos, Le Guin rompe com a tradição de utopia estática, imaginando uma utopia dinâmica e revolucionária em que "o passado nunca assume uma forma final e o futuro nunca fecha suas portas".²⁸

"Os Despossuídos" (*The Dispossessed: An Ambiguous Utopia*) é um livro de ficção científica, abordando temas de utopia e distopia, escrito Ursula K. Le Guin

²⁶ JACOBS, Naomi. "Beyond Stasis and Symmetry: Lessing, Le Guin, and the Remodeling of Utopia", *Extrapolation*, v. 29, n. 1, p. 34, 1988. p. 109-110.

²⁷ Ibid, p. 110.

²⁸ DAVIS, Lawrence. STILLMAN, Peter. *The New Utopian Politics of Ursula K Le Guin's the Dispossessed*. Oxford: Lexington Books, 2005, p. 4.

e publicado em 1974. O romance recebeu o prêmio Nebula em 1974 e os prêmios Hugo e Locus em 1975, principais prêmios literários de ficção científica e fantasia.

Ursula K. Le Guin é mais conhecida por seus livros de ficção científica e fantasia. No entanto, sua produção intelectual engloba também um vasto conjunto de ensaios, que serão utilizados como fontes neste trabalho. Sua trajetória de ensaísta e pensadora se desenvolve paralelamente à de romancista, e pode ajudar a entender melhor sua maneira de pensar, principalmente sobre o gênero da ficção científica, um tema muito caro à autora.

"Os Despossuídos" está inserido no Universo Literário conhecido como Hainish, contendo 7 livros: O Mundo de Rocannon (1966), Planeta do Exílio (1966), A Cidade das Ilusões (1967), A Mão Esquerda da Escuridão (1969), Os Despossuídos (1974), Floresta é o Nome do Mundo (1976), The Telling (2000). A autora não os considera parte de uma série ou saga, mas os livros têm diversos elementos em comum.

Elizabeth Cummins explica a premissa por trás desses romances: um milhão ou meio milhão de anos atrás, humanóides inteligentes do planeta Hain, conhecidos como Hainish, teriam estabelecido diferentes variações de sua raça em planetas habitáveis. Depois de perder contato durante muitos anos, os Hainish começaram a revisitar esses planetas, aproximadamente durante o século XXI da Terra.²⁹

Não fica claro porque esse projeto de povoar novos mundos foi posto em prática, nem é estabelecida uma razão para a perda de contato³⁰. Cada livro explora um planeta no qual os descendentes dos Hainish evoluíram, se tornando espécies diferentes, consideradas parte de uma mesma humanidade. Alguns elementos estão presentes em vários livros como o Ekumen, uma liga de mundos que estabelece relações de comércio e troca de conhecimentos entre planetas³¹. Cummins compara o Ekumen com os esforços para promover a cooperação entre países no século XX, como a Liga das Nações e a ONU.³² Outro elemento recorrente é o *ansible*, um

²⁹ CUMMINS, Elizabeth. *Understanding Ursula K. Le Guin*. Columbia: University of South Carolina Press, 1993. p. 67.

³⁰ ibid, p. 67-68

³¹ LE GUIN, *The Left Hand of Darkness*. Nova York: Harper and Row, 1980.

³² CUMMINS, Elizabeth. *Understanding Ursula K. Le Guin*. Columbia: University of South Carolina Press, 1993, p. 73.

dispositivo que permite a comunicação instantânea entre mundos, inventado por Shevek, o protagonista de Os Despossuídos, e que é central na trama de vários outros livros nesse Universo.

Elizabeth Cummins afirma que, em cada livro do ciclo Hainish, Le Guin utiliza dois "experimentos de pensamento", um termo que aparece no vocabulário de Le Guin, ao descrever seu processo de criação. Em segundo plano, está a ideia de uma origem comum, perda de contato e reunião de todos os planetas, mencionada acima, e em primeiro plano está a ideia que é única a cada livro. Esses diferentes planetas são utilizados para explorar temas como anarquismo, coletivismo, gênero e revolução.

Por exemplo, em "Floresta era o Nome do Mundo", o conflito principal está entre os Terranos, que invadem o planeta Athshe para transformá-lo em uma base de exploração madeireira, e os habitantes desse planeta, que têm uma cultura pacífica centrada em sonhos lúcidos. Os terranos seguem o modelo do século 19 de colonização com exploração dos recursos e escravização da população local, que eles acreditam ser incapaz de resistência. Durante a história, percebemos como os nativos do planeta Athshe, que em sua língua quer dizer floresta, não conseguem a princípio compreender as ideias trazidas pelos colonizadores. Como pensar um mundo desmatado quando a palavra para mundo significa literalmente floresta? Além disso, eles não têm palavras para descrever o ato de assassinato ou o conceito de guerra, que são introduzidos por seus opressores e mudam a vida no planeta para sempre.

A atenção de Le Guin às diferenças culturais e linguísticas também aparece em A Mão esquerda da Escuridão. Nesse livro, um enviado do Ekumen, Genly Ai, tem a missão de convencer o planeta Gethen, ou Inverno, a se juntar à Liga dos Mundos. A população de Gethen difere dos humanos por ser andrógina. Assim, as línguas do planeta não têm um pronome masculino e um feminino, mas sim um pronome humano. Sem saber como traduzi-lo, o protagonista, Genly Ai, decide se referir a todos no masculino, evidenciando o choque entre culturas até sua jornada de aceitação do caráter andrógino dos gethenianos. Durante a narrativa, Genly Ai é ajudado em sua missão de criar uma aliança entre Gethen e o Ekumen,

-

³³ Ibid, p. 67.

principalmente por Estraven, um getheniano. Mais tarde, os dois são unidos por circunstâncias e forçados a fazer uma jornada de meses por um deserto de gelo. Não tendo mais ninguém como companhia, os dois começam a compreender a aceitar melhor um ao outro, passando de um relacionamento distante de aliados a algo mais forte. A jornada psicológica tem um paralelo na jornada pelo gelo que Genly Ai faz, junto com Estraven, durante a qual os dois conseguem não apenas conviver mas amar um ao outro por meio de suas diferenças, e não apesar delas.

Darko Suvin aponta que, em A Mão Esquerda da Escuridão, todas as oposições de Le Guin, estrangeirismo e identidade, solidão e conjunto, fragmentação e conexão, e muitas outras ainda enraizadas na divisão entre o "eu" e o "tu", o *self* e o outro, aparecem de maneira mais concentrada. Ele destaca essas oposições para apoiar sua tese de que a força principal da obra de Le Guin está na busca por um sistema novo, mais coletivista em que os relacionamentos humanos não estão mais alienados. Para Suvin, essa busca surge a partir da necessidade de superar uma alienação que é ao mesmo tempo ética, cósmica, política e física. ³⁴ Os temas da alienação e do isolamento também se tornam relevante em Os Despossuídos, algo que analisarei mais no próximo capítulo.

Todos os encontros "aliens" nos mundos hainish, segundo Elizabeth Cummins, parecem demonstrar o desejo de Le Guin por um modo melhorado de relações humanas. Eles vêm de sua avaliação moral do mundo contemporâneo, nas palavras de Le Guin: "nossa maldição é a alienação, a separação do yang do yin (e a moralização do yang como bom e o yin como ruim). Ao invés de uma procura por equilíbrio e integração, há uma luta por dominância(...) O dualismo de valor que nos destrói, o dualismo de superior/inferior (...) pode dar lugar ao que me parece daqui uma modalidade mais saudável e mais promissora de integração e integridade."³⁵

Outro elemento importante na obra de Le Guin é seu interesse pela filosofia chinesa, em especial o Tao Te Ching, livro escrito pelo sábio chinês Lao Tzu e datado entre 350 e 250 antes de Cristo, o qual ela própria traduziu com ajuda de J.

35 Le GUIN, "Is Gender Necessary? Redux" in: Dancing at the Edge of the World, New York: Grove, 1989, p. 16.

³⁴ Suvin, Darko. "Parables of De-Alienation: Le Guin's Widdershins Dance." *Science Fiction Studies*, vol. 2, no. 3, 1975, pp. 265–274. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/4238978. Accessado 9 de Junho de 2021.

P. Seaton, professor de Mandarim na universidade da Carolina do Norte.³⁶

Para uma breve introdução ao conceito de Tao, recorro a Dena C. Bain: "Diferente do pensamento religioso ocidental, que vê o universo como real e Deus como uma pessoa, a tradição Oriental vê o universo como ilusório e Deus como uma força impessoal. Tanto no misticismo oriental quanto ocidental, no entanto, a experiência mística é nada menos que intuição direta da Realidade Final- um ser supremo no Oeste, um estado supremo no Leste. No Taoismo (...) o estado supremo é o Tao, e sua representação mais comum é a da linha juntando/separando os princípios do yin e do yang no círculo da vida.".³⁷

O interesse pelas religiões orientais nos Estados Unidos começou a surgir a partir da metade do século XX e termos como Dharma, karma e Sartori, manuais de yoga, a poesia dos Beats e a música dos Beatles, repletas de referências orientais passaram a ser comuns nos anos 1960. Winston L. King afirma, em um artigo publicado em 1970, que, de início, o único conhecimento que o público americano em geral tinha das religiões asiáticas era aquele que vinha de relatos de missionários. King aponta como um dos pioneiros do estudo de religiões nos Estados Unidos Paul Carus, que introduziu a obra de Suzuki³⁸ ao pensamento acadêmico ocidental, e apresentou sua versão desmitologizada do Budismo, em 1894. A. J. Edmunds publicou seu livro sobre o que ele considerava semelhanças surpreendentes entre os ensinamentos de Buddha e Cristo, em 1908, e o interesse acadêmico nas religiões orientais aumentou gradualmente, criando uma onda de novas disciplinas sobre civilizações asiáticas em universidades.³⁹

Para King, havia, nos EUA, uma situação religiosa e cultural muito peculiar que criou uma atmosfera receptiva a influências orientais. Uma das razões que o autor aponta para a receptividade a essa influência é a elasticidade da linguagem religio-filosófica Oriental. Esse apelo tinha mais força particularmente para americanos criados sob o protestantismo. Depois de séculos de disputa doutrinal sobre o significado de um termo ou outro, e de literalismo bíblico protestante, "a

³⁶ LAO TZU. *Tao Te Ching*. Boston: Shambhala Publications, 1997.

³⁷ BAIN. Dena C. "The Tao Te Ching as Background to the Novels of Ursula K. Le Guin", *Extrapolation*, v. 21, n. 3, p. 209, 1980, p. 209-210.

³⁸ Autor japonês de livros sobre Budismo, e considerado responsável pela difusão dessa filosofia no Ocidente.

³⁹ King, Winston L. "Eastern Religions: A New Interest and Influence." *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* 387 (1970): 66–76. http://www.jstor.org/stable/1036739.

maior parte da poesia, e toda a flexibilidade tinham deixado o vocabulário cristão"⁴⁰, especialmente nos Estados Unidos, com suas tendências fundamentalistas e super literalistas. Desse modo, a variedade na linguagem religiosa no Oriente, na qual termos de cada doutrina não tinham tanta importância, e Deus, por exemplo, podia ser chamado também de "Realidade Suprema" ou inúmeros outros nomes, parecia um contraste refrescante.

King destaca também, como um dos apelos da religião oriental, uma sensação de proximidade com o meio ambiente. A crescente mecanização da vida, a urbanização, e o progresso tecnológico alienaram cada vez mais os americanos do ambiente natural, levando a questionamentos sobre o valor de árvores e campos fora da lógica da exploração. Essa conexão com a natureza aparece, por exemplo, na ideia chinesa do homem contendo em si mesmo a polaridade criativa do universo — o Yin-Yang, ou a ideia taoísta de um modo de vida em que o sábio atinge uma união com a ordem natural, mantendo-se aberto a ela, um conceito que também aparece no zen budismo. ⁴¹

Assim, a influência oriental se torna parte da cena cultural dos anos 60, aparecendo na literatura da Geração Beat, na psicanálise, na música de vanguarda, e se torna uma parte integral dos movimentos de contracultura, especialmente O Zen e o Taoismo. 42

Apesar de ser contemporânea aos Beats — Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Gary Snyder, entre outros —, e ter crescido na California, onde o movimento começou, Le Guin não se sentia parte da cena literária Beatnik. ⁴³ Ela credita como sua introdução à filosofia oriental uma edição do Tao Te Ching traduzida por Paul Carus, de 1898, que pertencia ao pai da autora. ⁴⁴

As ideias de luz e escuridão associadas ao Tao permeiam toda a obra Le Guin, mas aparecem com mais força em a Mão Esquerda da Escuridão, dando o título ao livro, que é retirado de um poema do planeta Gethen:

.

⁴⁰ Ibid, p. 71.

⁴¹ Ibid, p. 72.

⁴² ECO, Umberto. Zen e o Ocidente. *In: Obra Aberta*. 8^a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 203-225.

⁴³ STREITFELD, David. *Ursula K. Le Guin: the last interview and other conversations*. Nova York: Melville House Publishing, 2019. P. 411.

⁴⁴ LAO TZU. *Tao Te Ching*, Boston: Shambhala Publications, 1997. P. 12.

"A luz é a mão esquerda da escuridão

e a escuridão é a mão direita da luz.

Dois são um, vida e morte

Juntas como dois amantes em kemmer

Como mãos interligadas"

O poema faz referência a um mito de criação local, e é mencionado durante a parte da narrativa em que Genly Ai e Estraven estão viajando por um deserto de gelo em que não há sombras, apenas neblina branca e a visibilidade é muito baixa. Genly Ai desenha o símbolo do yin e yang e o mostra a seu companheiro de viagem, que nunca o tinha visto. Ele explica "A luz é a mão esquerda da escuridão.... Como era? Luz, escuro. Medo, coragem. Frio, calor. Feminino, masculino. É você, Therem. Ambos e um. Uma sombra na neve." 46

Bain, em seu artigo sobre o Tao na obra de Le Guin, enfatiza também o conceito de "Presença". A sociedade de Gethen existe sempre no centro do tempo, é sempre o Ano Um, e as datas do futuro ou passado mudam de acordo com os anos. As pessoas estão mais preocupadas com a presença do que com o progresso. Ao atingir o Tao, haveria um instante em que o presente, o passado e o futuro coexistem, o Centro do Tempo, como explica Bain ⁴⁷.

⁴⁵ LE GUIN, *The Left Hand of Darkness*. Nova York: Harper and Row, 1980, p. 250.

 ⁴⁶ LE GUIN, *The Left Hand of Darkness*. Nova York: Harper and Row, 1980, p. 252.
 ⁴⁷ BAIN. Dena C. "The Tao Te Ching as Background to the Novels of Ursula K. Le Guin", *Extrapolation*, v. 21, n. 3, p. 209, 1980. p. 217.

Capítulo 2 - Os Despossuídos

"Os Despossuídos" ocupa um lugar muito peculiar na tradição utópica. Apesar de ser considerado por alguns um trabalho de teoria política, por promover o modo de vida anarquista, não se pode negar seu aspecto literário. Diversos críticos e comentadores apontam o romance como uma grande contribuição ao reavivamento da escrita utópica no século XX, que tinha se tornado antiquada, já que a tendência era escrever distopias literárias. 48

No ensaio *Science Fiction and Mrs Brown*, Le Guin afirma que Os Despossuídos é "um tipo de utopia"⁴⁹ além de discutir como ela pensou no enredo do livro pela primeira vez. A autora diz que a ideia surgiu com um personagem, Shevek, que viria a ser o protagonista do romance. À essa ideia inicial do personagem, ela coloca a pergunta: "Quem é você? Sua resposta tinha menos certeza dessa vez. Eu acho, ele disse, eu acho que sou um cidadão de Utopia"⁵⁰.

Avery Plaw afirma que os críticos ficam divididos quando se trata de decidir se a intenção do livro é utópica ou distópica. Sua visão é de que Le Guin não considerava a sociedade de Anarres como utópica quando ela escreveu Os Despossuídos, e a conclusão de Plaw é de que seria inapropriado, por essa razão, classificar o texto como uma utopia literária. Ele diz que a descrição de Anarres por Le Guin não deve ser tomada como utópica, pelo menos no sentido convencional de uma sociedade política perfeita e estática.⁵¹

O argumento de Plaw é destacado por Tony Burns em "Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature". Burns discorda de Plaw, trazendo uma visão dialética do assunto, que me parece estar de acordo com a filosofia do Tao Te Ching que Le Guin favorecia. Burns afirma que a incerteza de Plaw sobre a questão de Os Despossuídos ser uma utopia literária ou uma distopia surge do pressuposto implícito de que o livro precisa ser um ou o outro. Ele aponta para uma terceira alternativa: de que se trata de um romance que lida com "a tensão entre os impulsos

⁴⁸ BURNS, Tony. "Ursula K. Le Guin and The Disposessed" In: _____ *Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature*. Lanham: Lexington Books, 2010, p. 2.

⁴⁹ "a utopia of sorts", LE GUIN, "Science Fiction and Mrs Brown", *The Language of the Night*, Nova York: Putnam's, 1979,

⁵⁰ Ibid, p. 108.

⁵¹ BURNS, Tony. "Ursula K. Le Guin and The Disposessed" In: _____ *Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature*. Lanham: Lexington Books, 2010, p. 128.

utópicos e distópicos, como eles se apresentam na vida de personagens individuais que habitam duas sociedades diferentes, que podem ser caracterizadas como utópicas ou distópicas, dependendo do ponto de vista".⁵²

Além disso, "Os Despossuídos" também é considerado único por demonstrar a possibilidade do que Laurence Davis chama de "uma utopia dinâmica e revolucionária". Davis argumenta que o livro é um desafio aos modos de pensamento e literatura utópicos por sua ambiguidade, em apresentar uma utopia que aceita a realidade do conflito social e da mudança histórica. Para ele, Le Guin representa sua utopia não como um estado de perfeição inatingível, mas como "uma perspectiva crítica revolucionária sensível ao tempo, que pode expandir as oportunidades de escolhas livres para a humanidade e de ação significativa para abrir o horizonte de possibilidades históricas".⁵³

No romance, somos apresentados à sociedade anarquista de Anarres, localizada numa lua com recursos escassos. Essa sociedade foi criada pelos seguidores de Odo, uma mulher cujos escritos serviram de base para um modo de vida comunista e não autoritário. O modo de vida de Anarres é apresentado em oposição ao de Urras, um planeta semelhante à Terra durante a Guerra Fria, com uma parte dos países sendo capitalista, e uma parte que se considera uma alternativa socialista.

Os eventos narrados no livro ocorrem sete gerações depois de os seguidores de Odo terem deixado Urras para formar sua própria sociedade, seguindo seus ensinamentos de teor anarquista. No início, o protagonista, Shevek, acredita viver numa sociedade perfeita, mas ao longo do livro percebemos que Anarres se afastou dos ensinamentos anarquistas de Odo, se tornando cada vez mais hierarquizada e resistente ao novo.

Um dos temas centrais do livro fica aparente desde a primeira frase: "Havia um muro"⁵⁴. O narrador explica que o porto de Anarres é separado do resto do planeta por um muro:

⁵² BURNS, Tony. "Ursula K. Le Guin and The Disposessed" In: _____ *Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature*. Lanham: Lexington Books, 2010, p. 129.

⁵³ DAVIS, Lawrence. STILLMAN, Peter. *The New Utopian Politics of Ursula K Le Guin's the Dispossessed*. Oxford: Lexington Books, 2005, cap 1.

⁵⁴ LE GUIN, *Os Despossuídos*, São Paulo: Aleph, 2017, p. 11.

"Um adulto conseguia olhar por cima dele e até uma criança conseguia subir nele. No ponto em que atravessava a estrada, em vez de ter um portão, ele degenerava em mera geometria, uma linha, uma ideia de limite. Mas a ideia era real. Era importante. Por sete gerações não houve nada mais importante no mundo do que aquele muro". 55

Os habitantes da utopia são assim separados de seu planeta de origem, Urras. Até esse ponto na história de Anarres, o porto é utilizado apenas por cargueiros, que descem oito vezes por ano.

"O muro não cercava apenas o campo de pouso, mas também as naves que desciam do espaço, e os homens que vinham das naves, e os mundos de onde vinham, e o resto do universo. O muro cercava o universo, deixando Anarres de fora, livre. Visto do outro lado, o muro encerrava Anarres: o planeta inteiro estava dentro do muro, um grande campo de prisioneiros, apartado de outros mundos e outros homens, em quarentena." ⁵⁶

Desde o início do romance, portanto, a ambiguidade fica em destaque. Não podemos pensar no muro apenas por um lado, ele não é só a barreira que permite que Anarres permaneça livre da miséria e tirania presentes em Urras, mas também corta qualquer tipo de comunicação com o resto do universo.

Tom Moylan destaca que, enquanto o romance abre com imagens do muro, ele termina no ato transcendente de voo espacial e na quebra de muros pelo protagonista, que o faz com a ajuda dos Hainish, a raça de utópicos encontrada em outros livros de Le Guin, que são os antepassados comuns da população dos planetas que a autora cria. Para Moylan, os Hainish servem como a figura central de unidade e harmonia de todos os opostos.⁵⁷

O muro então, protege Anarres de corrupção pelos "aproveitadores" de Urras — o termo pejorativo que os personagens do romance usam para se referir a capitalistas — mas fica claro que ele serve não só como uma separação protetora, mas também como limitação⁵⁸: "Como todos os muros, era ambíguo, com dois lados. O que ficava dentro ou fora do muro dependia do lado em que se estava."⁵⁹

O conflito da história se dá em torno do isolamento de Anarres do resto do universo, quando Shevek, um cidadão de Anarres, decide fazer uma viagem a Urras, tendo percebido que seu trabalho como físico se beneficiaria de comunicação com

⁵⁵ LE GUIN, Os Despossuídos, São Paulo: Aleph, 2017, p. 11.

⁵⁶ Ibid, p. 11.

⁵⁷ MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Oxford: Peter Lang, 2014, p. 89.

⁵⁸ ibid, p. 89.

⁵⁹ LE GUIN, Os Despossuídos, São Paulo: Aleph, 2017, p. 11.

os intelectuais em Urras. Apesar de nada ser "proibido" em Anarres, a ideia de que alguém escolheria sair de uma utopia para conhecer o mundo dos "aproveitadores" cria indignação na população, que se volta contra Shevek e tenta impedi-lo de sair, chamando-o de traidor, e atirando pedras contra ele.⁶⁰

Após a apresentação do conflito no primeiro capítulo, (a cena em que Shevek passa pelo muro e embarca para Urras), a narrativa segue em uma cronologia não linear, com capítulos que alternam entre Urras e Anarres. Nos capítulos de Anarres (2, 4, 6, 8, 10, 12) vemos a infância do protagonista e sua vida até o ponto em que ele embarca para Urras, com 30 anos. Nos capítulos de Urras, (3, 5, 7, 9, 11) vemos sua jornada no novo planeta, culminando em seu retorno a Anarres. Tanto o primeiro capítulo, quanto o décimo terceiro, o capítulo final, mostram o protagonista se deslocando entre os dois planetas.

Thomas Moylan aponta, em relação ao tempo no romance, o fato de existirem dois enredos simultâneos em Os Despossuídos. Essa estratégia é utilizada por Le Guin para revelar tanto os elementos distópicos dentro da utopia quanto os problemas inerentes ao conflito entre a utopia concreta de Anarres e o mundo de Urras.⁶¹

Essa estratégia de ficção utópica surge com Thomas More, que fez a justaposição dos livros 1 e 2 da Utopia, além de comparar a utopia com eventos históricos de seu próprio tempo. A estratégia envolve uma lógica dialética e uma crítica implícita da sociedade além de providenciar modelos críticos ao invés de modelos futurológicos de modos de vida alternativos possíveis.⁶²

Nos capítulos de Urras, o enredo segue o esforço de Shevek para desconstruir muros, procurar novas descobertas na física, e restaurar uma atitude de abertura na sociedade de Anarres. Ele catalisa uma revolução e cria o *ansible*, um instrumento que permite a comunicação rápida entre os planetas, a partir de seus estudos na física. Nesses capítulos, Moylan defende que não há narrativa utópica, e sim uma história comum na ficção científica, em que aspectos da sociedade atual

-

⁶⁰ LE GUIN, Os Despossuídos, São Paulo: Aleph, 2017, p. 14.

⁶¹ MOYLAN, Beyond Negation: The Critical Utopias of Ursula K. Le Guin and Samuel R. Delaney. 1980, p. 242.

⁶² THEALL, Donald F. "The Art of Social-Science Fiction: The Ambiguous Utopian Dialectics of Ursula K. Le Guin." *Science Fiction Studies*, vol. 2, no. 3, SF-TH Inc, 1975, pp. 256–64, http://www.jstor.org/stable/4238977. P. 256.

são extrapolados para criar uma perspectiva crítica, já que Urras se assemelha ao mundo familiar dos leitores.

Nos capítulos de Anarres, que aparecem como flashbacks, está presente o modo utópico. O enredo trata da vida do protagonista do nascimento até sua decisão de ir para Urras, com 30 anos. Shevek, no entanto, não se adapta simplesmente a seu mundo, mas ele e o mundo passam por uma mudança radical, por meio da criação do sindicato da iniciativa, que tenta trazer de volta o aspecto mais revolucionário de Anarres, e por suas descobertas científicas.⁶³ A estratégia de alternância de capítulos, portanto, combina o gênero da ficção científica com o gênero utópico, e a imagem alternativa de Anarres.⁶⁴

Davis destaca que a alternância dos capítulos entre Urras e Anarres gera uma "dialética criativa" em que a relação entre os dois mundos se torna um símbolo para a interrelação entre passado, presente e futuro⁶⁵. Essa escolha de forma narrativa espelha a busca do protagonista pela teoria da simultaneidade, que permite ver o tempo de uma forma distinta e não linear, e que culmina na invenção do instrumento de comunicação conhecido como *ansible*, representando a comunicação e cooperação entre os mundos.

A posição de Shevek dentro da narrativa também deve ser abordada. É através dele que conhecemos os mundos que Le Guin apresenta, e por causa de sua posição "isolada" ou "alienada", tanto em Anarres, quanto em Urras, temos uma visão muito particular dos dois planetas.

Em um ensaio no livro "The Cambridge Companion to Science Fiction", Farah Mendlesohn identifica a sensação de maravilhamento⁶⁶, como o cerne emocional da ficção científica. As primeiras obras de ficção científica usavam uma criação ou invenção nova, ou a chegada a um novo lugar para criar esse efeito. Com o tempo, o gênero mudou. Mendlesohn cita David Nye ao dizer que o maravilhamento é "algo frágil, que se torna mais difícil de atingir com a familiaridade". Não bastava mais criar invenções maiores e mais complicadas para

⁶³MOYLAN, Beyond Negation: The Critical Utopias of Ursula K. Le Guin and Samuel R. Delaney. 1980, p. 242-243.

⁶⁴ ibid, p. 243.

⁶⁵ DAVIS, Lawrence. STILLMAN, Peter. *The New Utopian Politics of Ursula K Le Guin's the Disposessed*. Oxford: Lexington Books, 2005, p. 8.

^{66 &}quot;wonder", no original.

capturar o leitor. Assim, foram desenvolvidas novas estruturas literárias, ainda fazendo uso da sensação de maravilhamento; a ficção científica passou a se preocupar mais com consequências das invenções que antes apareciam em suas páginas apenas para serem destruídas no capítulo final.⁶⁷

O "experimento de pensamento", que Darko Suvin chama de "o novum", é crucial para a estrutura de histórias em ficção científica. Nesse gênero, "a ideia é o herói". ⁶⁸ O experimento de pensamento em Os Despossuídos poderia ser resumido como "E se uma sociedade anarquista se formasse em um planeta isolado do resto do universo?".

Outro tema recorrente na ficção científica mencionado por Mendlesohn é o estranhamento cognitivo ("cognitive estrangement"). Para compreender melhor como ele é utilizado no romance Os Despossuídos, acredito ser útil discutir como Darko Suvin, um dos maiores críticos do gênero, mobiliza o conceito de desfamiliarização ou distanciamento de Brecht para explicar um efeito, que, para Suvin, é uma das especificidades que define o gênero da ficção científica.

O estranhamento cognitivo é a sensação que o leitor tem de que algo no mundo fictício que lhe é apresentado é dissonante do mundo que lhe é familiar. Suvin argumenta que esse conceito da teoria literária se tornou a estrutura formal de obras da ficção científica⁶⁹. As obras desse gênero descrevem universos alternativos, mas eles são descritos com rigor científico, ou "cognitivo". O uso do estranhamento não é exclusivo da ficção científica, aparecendo também no mito, mas na ficção científica, as normas de qualquer época, incluindo a do próprio autor, e, portanto, do público a quem a obra se destina, são vistas como únicas, mutáveis, e, portanto, sujeitas ao olhar *cognitivo*. ⁷⁰

A ficção científica é um gênero cujas condições necessárias são a presença de cognição e distanciamento, e cujo principal dispositivo formal é uma estrutura

⁶⁷ MENDLESOHN, FARAH." Introduction: reading science fiction". In: *The Cambridge companion to science fiction*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. P. 3-4.

⁶⁸ ibid. P. 4.

⁶⁹ SUVIN, Darko. (1972). On the Poetics of the Science Fiction Genre. *College English*, *34*(3), 372–382. https://doi.org/10.2307/375141. P. 375.

⁷⁰ Ibid. P. 375.

imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor ⁷¹. Ao distanciar o leitor do que é familiar, a obra de ficção científica encoraja-o a pensar criticamente sobre as leis e costumes de seu próprio tempo e de sua sociedade.

Enquanto Suvin coloca seu foco no ambiente ou cenário da história, Tom Moylan tenta descrever a experiência clássica do protagonista de ficção científica, que também faz parte da sensação de estranhamento:

"Se eles [os protagonistas de ficção científica] se encontram em uma sociedade familiar, agora vista de maneira nova e crítica, ou uma que é completamente alien, eles negociam uma *estranheza antropológica*".

O protagonista é a lente através do qual o leitor vê o mundo de um romance, e no caso da ficção científica, é comum haver uma desconexão entre suas crenças e hábitos e aquelas da sociedade na qual ele se encontra, criando uma perspectiva nova para o leitor.

Nos capítulos de Urras, temos, como leitores, uma visão nova de uma sociedade que para nós, é familiar, já que esse planeta se parece muito com a Terra. O fato de sermos apresentados a ela pelos olhos de Shevek, um anarquista e cidadão de uma utopia (mesmo que ambígua), permite que observemos Urras com um olhar crítico, através do uso do estranhamento cognitivo.

A alienação, segundo Mendlesohn, é um elemento central da caracterização de personagens na ficção científica. Entre os anos 1940 e 1960, a ideia do indivíduo isolado e alienado, porém genial, foi muito utilizada no gênero. ⁷³

Apesar de ter nascido em Anarres, Shevek com frequência aparece como deslocado ou "estranho", dentro do ambiente utópico. Voltando ao tema da "utopia estática", percebemos nos capítulos que se passam em Anarres, que a utopia está se tornando cristalizada, e se afastando da mudança constante que era tão importante nos ensinamentos de Odo. Um dos momentos em que isso fica mais evidente é em uma conversa entre Shevek e seu amigo Bedap, no capítulo seis.

Shevek, um físico excepcional, lamenta que suas ideias vão mal, e que ninguém em Anarres entende seu trabalho científico. Ao ser questionado por Bedap sobre seu professor, Sabul, Shevek explica que, apesar de Sabul ser considerado um

⁷¹ Ibid. p. 375.

⁷² MOYLAN, Tom. Scraps of Untainted Sky. Boulder: Westview Press, 2000. P. 4.

⁷³ MENDLESOHN, FARAH. "Introduction: reading science fiction". In: *The Cambridge companion to science fiction*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. P. 10.

físico "de primeira linha", as ideias que publica são todas plagiadas de estudiosos de Urras: "ele não tem uma ideia própria há vinte anos."⁷⁴

Bedap diz que Shevek se deparou com o muro, e que nada pode ser feito a não ser que as coisas mudem ou que ele se junte aos inimigos, as pessoas que estão no poder. Isso surpreende Shevek, que, até esse momento, acreditava que não havia pessoas no poder em Anarres, e que isso era algo que ocorria apenas em Urras.

Bedap responde: "ideias nunca foram controladas por leis e governos, mesmo em Urras. Se tivessem sido, como a Odo poderia ter desenvolvido as dela? Como o Odonismo teria se tornado um movimento mundial? Os hierarquistas tentaram esmagá-lo à força, mas fracassaram. Não se pode destruir ideias reprimindo-as. Só se pode destruí-las ignorandoas. Recusando-se a pensar, recusando-se a mudar. E é exatamente isso que a nossa sociedade está fazendo!"75

Shevek é um cientista brilhante que rejeita a ideia do tempo comumente aceita, buscando uma teoria distinta, na qual a passagem do tempo é subjetiva. Chris Fern aponta que, por Shevek ser único, ele representa uma ameaça para a tendência utópica à conformidade e à estagnação, presente em Anarres. Assim como numa sociedade capitalista, que favorece o individualismo, a solidariedade e a coletividade são uma ameaça, na sociedade coletivista de Anarres, é a individualidade visível que se torna perigosa.⁷⁶

Mostrando as dificuldades enfrentadas por Shevek em decorrência de sua individualidade, Le Guin dramatiza um dos grandes perigos de uma sociedade utópica: a possibilidade de que a coletividade degenere e se torne conformidade.⁷⁷

Por outro lado, em Urras, são os valores utópicos de Shevek que o separam de seus anfitriões. Ele não é apenas um gênio dissidente, como eles gostariam de vê-lo, mas um indivíduo socializado numa sociedade que que não tenta cooptar seus dons e fazê-los servir os interesses de estruturas de poder. Os cidadãos de Urras não conseguem que ele aceite seus valores, e nem conseguem obter seu segredo, sua nova teoria temporal revolucionária, já que ele não a vê como algo que deve ser possuído por um único grupo.⁷⁸

⁷⁴ LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017, p. 163.

⁷⁵ ibid, p. 165.

⁷⁶ FERNS, Chris. *Narrating Utopia: Ideology, Gender, Form in Utopian Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 1999, p. 223.

⁷⁷ ibid, p. 223.

⁷⁸ ibid, p. 224.

Ao narrar as experiências alienantes de Shevek em Anarres e em Urras, Le Guin demonstra o fracasso tanto da solução de Urras, de permitir que os revolucionários Odonianos criassem uma colônia fora do planeta, quanto da tentativa de Anarres de se isolar de Urras e do resto do universo.

Urras precisa do ideal utópico de Anarres para lhe dar esperança e direção, e Anarres, ao se separar de seu passado, esqueceu as desigualdades e injustiças que foram a raiz da revolução. Optando pelo isolamento, as duas caíram na estagnação e conformidade, tento perdido sua razão para mudança.⁷⁹

⁷⁹ Ibid, p. 228.

A influência do anarquismo em Os Despossuídos

É importante situar as influências de Le Guin em seu contexto histórico, mesmo que não possam ser reduzidas apenas a esse contexto. Nos anos 1960 e 1970, o movimento da contracultura deu nova vida ao anarquismo e trouxe para o Ocidente uma apreciação pela filosofia oriental, elementos muito presentes na obra da autora.

O anarquismo na obra de Le Guin está profundamente relacionado à influência do Taoismo, discutida no capítulo anterior. Philip E. Smith II cita uma entrevista em que Le Guin afirma que, para ela, era um passo perfeitamente natural ir do taoismo para o anarquismo, já que os dois são relacionados.⁸⁰

A ideia expressada por Le Guin de que o anarquismo e o Taoismo são semelhantes é corroborada por estudiosos do anarquismo. O Taoismo é frequentemente destacado como um dos precursores do movimento anarquista. Peter Marshall explica que os Taoistas viveram um momento em que a sociedade feudal na China teve suas leis mais codificadas, e o governo se tornava cada vez mais centralizado e burocrático. Enquanto Confúcio apoiava esses desenvolvimentos, e enfatizava a necessidade de uma hierarquia em que cada cidadão soubesse seu lugar, os Taoistas rejeitavam o governo. Eles acreditavam que todos podiam viver em harmonia de maneira natural e espontânea.⁸¹

Peter Marshall, no livro "Demanding the Impossible: A History of Anarchism", aponta como precursores do anarquismo também as revoltas de camponeses na Idade Média, e as facções de extrema esquerda n Revolução Inglesa. No entanto, o anarquismo como conhecemos hoje começou a tomar forma no século XVIII, em parte como resposta à ascensão dos Estados centralizados e ao nacionalismo. A partir do século XIX ocorre o desenvolvimento da teoria e do movimento anarquistas, com Proudhon na França, Bakunin e Kropótkin na Rússia, e Godwin na Inglaterra. Na segunda metade do século XIX, Kropótkin tentou tornar

⁸⁰ SMITH II, Philip E., "Unbuilding Walls: Human Nature and the Nature of Evolutionary and Political Theory in The Dispossessed," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). *Ursula K. Le Guin*. Nova York: Taplinger, 1979, p. 79.

⁸¹ MARSHALL, Peter. *Demanding the Impossible*: A History of Anarchism. 3. ed. Oakland: PM Press, 2010, p. 55.

o anarquismo mais convincente, desenvolvendo-o de forma a criar uma filosofia social sistemática, baseada em princípios científicos. ⁸²

Peter Marshall expõe como o movimento anarquista perdeu força depois da Segunda Guerra Mundial. Nos anos 1960, no entanto, ocorre um reavivamento do anarquismo, de maneira mais difusa e sem precedentes. Muitos dos temas que importavam para a Nova Esquerda, como a descentralização, o controle nas mãos dos trabalhadores, a democracia participativa, eram preocupações anarquistas.⁸³

O crescimento da contracultura, baseada na individualidade, comunidade e alegria, expressava uma profunda sensibilidade anarquista, para Marshall. O autor destaca, como marco da sensibilidade anarquista que surgia, a publicação de "Anarquismo: da doutrina à ação", de Daniel Guérin, publicado em 1965, que se tornou um bestseller, e que trazia a ideia de que o comunismo de Estado e não o anarquismo, estava desalinhado com as necessidades do mundo contemporâneo. Guérin teve sua previsão confirmada pelos eventos em Paris e Praga em 1968.⁸⁴

Além disso, Marshall menciona os experimentos de vida comunitária na Europa e América do Norte que tentaram criar zonas livres do Estado Corporativo. O movimento anarquista também se fez presente nos princípios do anarcosindicalismo, e no movimento feminista, em sua crítica da dominação e da hierarquia⁸⁵, principalmente com Emma Goldman, que discutirei em seguida.

Michael Lerner expõe a rapidez com a qual o anarquismo cresceu como força na contracultura americana, a partir de 1968. Até esse ponto, o consenso entre intelectuais como George Woodcock, era de que não haveria um renascimento do movimento anarquista depois da segunda guerra mundial. Lerner destaca algumas semelhanças importantes entre o novo anarquismo que surgia em 1968 e o antigo, como aceitação da violência, a rejeição da vontade da maioria, a insistência na

⁸² ibid, p. 5.

⁸³ ibid, p. xi.

⁸⁴ ibid, p. xi-xii.

⁸⁵ ibid, p. xii.

responsabilidade moral do indivíduo, a crítica radical do estado tecnológico, o asceticismo em relação à propriedade, e o desejo de simplificar a vida. 86

Lerner vê, no movimento contra o recrutamento obrigatório, durante a guerra do Vietnã, a ideia anarquista de que o indivíduo é tanto responsável quanto livre, de que se um homem se opõe ao sistema, é possível que outros se oponham também, e que o sistema possa ser interrompido.⁸⁷

Philip E. Smith II cita uma entrevista em que Le Guin menciona Kropótkin, como uma de suas influências, destacando que em seu livro, Ajuda Mútua, o autor afirma que cooperação é tão importante quanto agressão, e talvez seja o instinto de sobrevivência mais básico.88

No livro Ajuda Mútua, Kropótkin expressa suas dúvidas quanto à realidade da competição por recursos entre animais da mesma espécie, considerada por darwinistas – não necessariamente por Darwin ele mesmo- como a característica dominante da luta pela vida, e o fator principal da evolução. Tendo viajado e estudado o reino animal, principalmente no norte da Ásia, ele confirmou sua hipótese da importância da ajuda e suporte mútuo entre animais da mesma espécie, para a manutenção da vida, a preservação de cada espécie, e a sua evolução. 89

A personagem Odo, idealizadora do anarquismo presente na sociedade de Anarres, além de ser uma figura importante em Os Despossuídos, também aparece em um conto da autora, "O dia antes da revolução". No prefácio desse conto, Le Guin discute a proximidade entre o Odonianismo e o anarquismo: "Odonianismo é anarquismo. Não a coisa da bomba no bolso, o que é terrorismo, seja qual for o nome com o qual tentar se dignificar, não o libertarianismo econômico social darwinista da extrema direita; mas anarquismo como prefigurado no pensamento taoísta antigo, e exposto por Shelley e Kropótkin, Goldman e Goodman. O alvo

⁸⁶ LERNER, Michael. "Anarchism and the American Counter-Culture." Government and Opposition, vol. 5, no. 4, Cambridge University Press, 1970, pp. 430–55, http://www.jstor.org/stable/44484492. p. 432

⁸⁷ Ibid, p. 444.

⁸⁸ SMITH II, Philip E., "Unbuilding Walls: Human Nature and the Nature of Evolutionary and Political Theory in The Dispossessed," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). Ursula K. Le Guin. Nova York: Taplinger, 1979, p. 79.

⁸⁹ KROPÓTKIN, Piotr. Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009, p. 19-20.

principal do anarquismo é o Estado autoritário (capitalista ou socialista), seu tema principal é a cooperação (solidariedade, ajuda mútua). É a teoria política mais idealista de todas e para mim, a mais interessante."90

O livro mencionado por Le Guin, e escrito por Peter Kropótkin, é uma resposta ao tratado de Darwinismo social de T H. Huxley. Huxley mantinha a visão de que no mundo humano, assim como no animal, os mais fracos perecem, enquanto os mais fortes e mais espertos sobrevivem. Para ele, a guerra hobbesiana de todos contra todos era o estado normal da existência.⁹¹

Kropótkin argumentou contra essa visão, já que seus estudos do mundo animal, antropologia e história demonstravam que a sociabilidade, a ajuda mútua e a defesa mútua eram tão importantes, se não mais importantes, que a luta pela sobrevivência humana e a evolução progressiva. 92

Philip E. Smith menciona algumas ocasiões em que a semelhança entre o Odonianismo e o anarquismo de Kropótkin ficam mais evidentes. Tanto Kropótkin quanto Le Guin baseiam seus sistemas cooperativos e comunais na analogia de um organismo social unificado. Os títulos dos livros escritos por Odo em Os despossuídos, Analogia e O Organismo Social, fazem uma clara referência à obra de Kropótkin, por exemplo, quando Le Guin afirma que seu protagonista, Shevek, tinha sido criado "em uma cultura que dependia deliberadamente da solidariedade humana e ajuda mútua". 93 Smith destaca também um trecho quando Shevek descobre que sua relação com Sabul "não uma relação de ajuda mútua e solidariedade, mas uma relação exploratória; não orgânica, mas mecânica."94

Le Guin menciona que a teoria anarquista é caracterizada por uma visão otimista da natureza humana, vendo os seres humanos como capazes de realizar o bem social e moralmente apenas quando vivem em cooperação, sem ser

⁹⁰ LE GUIN, Ursula K. *The day before the revolution*. Nova York: Harper Collins, 2017, p. 1.

⁹¹ SMITH II, Philip E., "Unbuilding Walls: Human Nature and the Nature of Evolutionary and Political Theory in The Dispossessed," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). Ursula K. Le Guin. Nova York: Taplinger, 1979, p. 81.

⁹² ibid, p. 81.

⁹³ ibid, p. 82.

⁹⁴ LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017, p. 121.

corrompidos pela autoridade de um governo. ⁹⁵ Essa visão é incorporada nos temas, estruturas e na caracterização de personagens em Os Despossuídos.

No capítulo 5, ao ser questionado por Um habitante de Urras sobre a motivação dos anarresti para fazer trabalhos considerados "sujos" (como coleta de lixo e mineração), Shevek responde:

"Bom, todos nós fazemos esses serviços. Mas ninguém os faz por muito tempo, a menos que goste do trabalho (...) Aqui vocês acham que o incentivo para trabalhar é financeiro, necessidade de dinheiro ou desejo por lucro, mas onde não existe dinheiro as motivações reais ficam mais claras, talvez. As pessoas gostam de fazer as coisas. Gostam de fazer bem. As pessoas escolhem os serviços perigosos e difíceis porque se orgulham de fazê-los (...)"

Neste trecho fica clara a visão anarquista de que, mesmo na ausência de obrigação, punição, ou incentivo financeiro, a natureza humana nos leva a cooperar e trabalhar em prol da comunidade, "Não há recompensa em Anarres, nenhuma outra lei. Só o próprio prazer e o respeito dos companheiros."⁹⁷

Peter Marshall aponta a importância dessa visão para o movimento, já que todos os anarquistas acreditam que sem as restrições do Estado e do governo, sem a coerção da autoridade imposta, haveria uma harmonia de interesses entre os humanos. Tendo necessidades em comum, os seres humanos podem organizar a si mesmos e criar uma ordem social que seria mais efetiva, e mais benéfica do que uma imposta por autoridades. ⁹⁸

Em "Os Despossuídos", a natureza humana se torna um tema de discussão entre personagens que têm visões diferentes sobre o assunto. Por exemplo, quando Chifoilisk, o cientista de Thu, um país socialista no planeta de Urras, apoia a ideia do Darwinismo social: "Não precisa fingir que todos vocês irmãos Odonianos são cheios de amor fraternal. A natureza humana é a natureza humana". Shevek responde: "Vocês temem que nós traremos de volta a revolução, a antiga, a verdadeira, a revolução pela justiça que vocês começaram e pararam na metade." ⁹⁹

⁹⁵ SMITH II, Philip E., "Unbuilding Walls: Human Nature and the Nature of Evolutionary and Political Theory in The Dispossessed," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). *Ursula K. Le Guin*. Nova York: Taplinger, 1979, p. 78.

⁹⁶ LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017, p. 152.

⁹⁷ LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017, p. 152.

⁹⁸ MARSHALL, Peter. *Demanding the Impossible: A History of Anarchism*. 3. ed. Oakland: PM Press, 2010, p. 16.

⁹⁹ LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017, cap 5.

Thu, um país socialista e autoritário análogo à China ou à União Soviética, não está isento das visões Darwinistas sociais articuladas por Chifoilisk. O fato de Thu ser mais autoritário, e ter um estado mais centralizado, leva Shevek a escolher A-Io, um país capitalista, como lugar para sua visita a Urras.

A discussão entre os dois personagens e a rejeição de Shevek do socialismo de estado lembra a disputa entre marxistas autoritários e anarquistas libertários (incluindo Kropótkin), que dividiu o movimento internacional socialista no final do século XIX, além de deixar claro que Le Guin concorda com Kropótkin sobre o socialismo de estado. 100

Em uma entrevista registrada no livro "Ursula K. Le Guin: The last interview and other conversations", Le Guin menciona que a cidade que aparece em Anarres é uma espécie de cidade de Paul Goodman, se referindo a Abbenay, a capital de Anarres, onde Shevek mora e trabalha durante parte do livro.

Goodman, um anarquista americano que escreveu no século XX, tinha ideias práticas sobre o funcionamento de cidades, entre elas a crença de que o trabalho humano deve ficar visível nas cidades, não escondido em fábricas longe das metrópoles¹⁰¹. A descrição da cidade de Abbenay no capítulo 4 de Os Despossuídos corresponde às ideias de Goodman, assim como a surpresa de Shevek ao andar pela "Saemtenevia Prospect", uma rua em Urras, e perceber que "nada dos milhões de coisas à venda era feito ali... todas as pessoas nas lojas eram vendedores ou compradores. Eles não tinham nenhuma relação com as coisas exceto a de posse." ¹⁰²

Outra das referências anarquistas destacadas por Le Guin é Emma Goldman, uma revolucionária anarquista de origem russa. Sua biógrafa, Alice Wexler, descreve Goldman como: "Uma das integrantes mais respeitadas de um movimento internacional radical que emergiu no meio do século XIX junto com o movimento socialista e em parte, em oposição ao Marxismo." Emma Goldman definia o anarquismo como "a filosofia de uma nova ordem social baseada na liberdade não

¹⁰⁰ SMITH II, Philip E., "Unbuilding Walls: Human Nature and the Nature of Evolutionary and Political Theory in The Dispossessed," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). Ursula K. Le Guin. Nova York: Taplinger, 1979, p. 83.

¹⁰¹ STREITFELD, David. *Ursula K. Le Guin: the last interview and other conversations*. Nova York: Melville House Publishing, 2019. P. 272.

¹⁰² LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017, cap. 5.

restringida por leis feitas pelo homem; a teoria de que toda forma de governo depende da violência e é, portanto, errada e nociva, assim como desnecessária."¹⁰³ Sua ideia de revolução não se limitava a denúncias do capitalismo, militarismo e governo, mas também incluía defesa do ateísmo, da liberdade sexual e da homossexualidade.

Segundo Wexler, suas reivindicações iam além das preocupações que a maioria dos imigrantes anarquistas consideravam apropriadas. Seus companheiros dentro do movimento criticavam sua atitude de falar abertamente sobre sexo e contraceptivos, sua vida pessoal não convencional, e seu interesse no público americano de classe média. ¹⁰⁴

Emma Goldman "se preocupava em entender como a tirania estava presente nas atitudes práticas da sociedade e, com isso, como a opressão, oriunda de diferentes instituições e existente em diversas situações, privava a mulher de desenvolver suas experiências educacionais e sexuais, isto é, como elas eram ensinadas desde pequenas a cumprir sempre a mesma função social dentro de uma dada sociedade. Dito isso, (...) era uma defensora da liberdade sexual feminina, acreditava que as mulheres deveriam se casar por amor, quando assim desejassem, e que a maternidade deveria ser uma opção, e não uma obrigação ou uma privação social." ¹⁰⁵

As preocupações acima aparecem na descrição da sociedade de Anarres, que, fundada nos princípios da igualdade, tem tanto homens como mulheres como membros iguais da comunidade. Os trabalhos são distribuídos sem consideração ao gênero de cada pessoa, focando nas capacidades pessoais de cada indivíduo e nas necessidades da comunidade. A igualdade entre gêneros também aparece na sexualidade e no sistema de "parcerias", termo utilizado já que não existe o conceito de casamento. A relação entre dois indivíduos que decidem ser parceiros em Anarres não é institucionalizada e não afeta a carreira de nenhum dos indivíduos envolvidos. A homossexualidade e a heterossexualidade são igualmente aceitas pela comunidade, mantendo o ideal de liberdade. Além disso, a sexualidade não é associada à ideia de posse ou de dominação, resultando em uma sociedade em que

¹⁰³ WEXLER, Alice. *Emma Goldman: an intimate life*. Nova York: Pantheon, 1984.p. XVI.

¹⁰⁴ Ibid.p. XVII.

¹⁰⁵ MARTINS, Nilciana Alves. Emma Goldman: Trajetória, anarquismo e feminismo. Anais do encontro internacional e XVIII encontro de história da anpuh-rio: história e parcerias. Disponível em:

https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529783999 ARQUIVO ARTIGOANP <u>UH-RJNilcianaAlvesMartinsatualizado.pdf</u>

mulheres não são vistas como objetos sexuais, e a violência sexual é quase inexistente.

A personagem Odo, que aparece em "Os Despossuídos" como a idealizadora do movimento que culmina na fundação da sociedade de Anarres, parece ser formada como um amálgama das figuras anarquistas citadas por Le Guin, juntando em seus ensinamentos a ideia do organismo social de Kropótkin, a organização urbana de Godwin, e a igualdade entre os gêneros defendida por Goldman.

A influência de Zamyatin

Yevgeny Zamyatin também é mencionado pela autora como uma de suas inspirações no campo do anarquismo. Le Guin cita seu livro "Nós", como "brilhante e poderoso (...) no seu uso da gama de metáforas da ficção científica, ainda muito à frente da maioria dos livros escritos desde então." 106

No livro, o engenheiro espacial D-503 vive sob o Estado Único, regido pelo Benfeitor, que comanda o Estado e determina o que cada um dos "números" (palavra usada para fazer referência aos cidadãos do Estado Único) deve fazer, quando devem trabalhar, comer, dormir, ter tempo de lazer. Os movimentos de cada indivíduo são patrulhados pelos Guardas, que mantém a ordem, e pelos outros "números", já que todas as paredes são de vidro, então todos podem ser observados durante sua rotina no dia a dia.

O livro é escrito na perspectiva de D-503, para quem a ordem e a matemática são muito importantes. Na primeira parte do livro ele tem a convição de que vive da melhor maneira possível, em uma sociedade perfeita, até que ele conhece uma mulher, I-330, que abala sua convição na perfeição de seu modo de vida.

O desejo de I-330 por liberdade afeta D-503, que passa a ficar dividido entre sua lealdade ao Estado Único e os sentimentos novos que I-330 desperta nele. D-503 acaba por se juntar à causa rebelde, mas é descoberto pelas autoridades, e submetido a uma operação, que o deixa completamente livre de emoções.

¹⁰⁶ LE GUIN, "Science Fiction and Mrs Brown", In: _____ *The Language of the Night*, Nova York: Putnam's, 1979, p. 101.

"Nós" foi escrito em 1923, na Rússia pós-revolucionária. O livro é identificado como parte da tradição distópica ou anti-utópica, e ficou conhecido por muito tempo como uma das influências George Orwell ao escrever 1984. No século XX, a narrativa anti-utópica se tornou mais atraente para um público profundamente desconfiado de qualquer tipo de esperança de mudança social radical. ¹⁰⁷ As distopias produzidas no período entre o fim do século XIX e meados do século XX (1984, de Orwell, Admirável Mundo novo de Huxley, e Nós de Zamyatin), "giram em torno de um estado forte, cujos métodos de controle e sujeição são bastante nítidos". ¹⁰⁸ As distopias desse período se concentram, portanto, no fenômeno do totalitarismo.

Para Hannah Arendt, o totalitarismo não depende da criação de uma consciência comunitária, mas, ao contrário, do isolamento do indivíduo através de seu afastamento da esfera política. A partir dessa visão, podemos compreender como a atitude dos personagens quanto a essa alienação da esfera política difere, nos livros de Le Guin e de Zamyatin.

Para Tony Burns, Os Despossuídos herda da obra de Zamyatin um de seus temas principais. Ambos os romances tratam dos dilemas éticos enfrentados pelos cientistas que são os "arquitetos imediatos do progresso científico". Sua novidade de pensamento os coloca em conflito com a sabedoria comumente aceita de seu tempo. Zamyatin se refere a esses indivíduos, frequentemente considerados gênios, como "hereges" da ciência. Assim como o trabalho de Shevek em "Os Despossuídos" faz com que ele se volte para Urras para discutir sobre ideias que não são estudadas em Anarres, D-503 passa a analisar seus próprios pensamentos ao escrever um diário que ele pretende colocar no veículo espacial "Integral", que é construído para levar as ideias dos Estado Único a outros planetas.

Nos dois livros, percebemos o conflito entre o indivíduo e o coletivo. No livro de Zamyatin, D-503 é um indivíduo isolado da esfera política, com sua

¹⁰⁷ WEGNER, Phillip. *Imaginary Communities*. Berkeley: University of California Press, 2002, p. 148.

¹⁰⁸ CARDOSO, André Cabral de Almeida. "Distopia", In: Jobim, J. L.; Araújo, N.; Sasse, Pedro Puro (Orgs.). (*Novas*) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Makunaíma, 2021. p. 110.

¹⁰⁹ ARENDT, 1979, p. 474-475. Apud Cardoso, André Cabral de Almeida. "Distopia", In: Jobim, J. L.; Araújo, N.; Sasse, Pedro Puro (Orgs.). (*Novas*) Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Makunaíma, 2021. p. 424.

¹¹⁰ BURNS, Tony. "Ursula K. Le Guin and The Disposessed" In: _____ *Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature*. Lanham: Lexington Books, 2010, p. 3-4.

autonomia "limitada por mecanismos de vigilância e controle postos em ação por um estado totalitário". 111

Ao final do romance, D-503 decide tornar-se mais do que um número, ou seja, uma parte do Estado Único. Depois de passar por um processo de introspecção, através da escrita do diário e de sua relação com I-330, ele caminha rumo à casa de antiguidades, para fora do muro que cerca a cidade, e pensa, observando os "números" que passam por ele "Era evidente que todos eles estavam salvos, só para mim não havia salvação: eu não queria ser salvo." ¹¹²

O protagonista percebe que não há salvação possível fora do Estado Único. Depois de ter "rompido a crosta", metáfora utilizada pelo autor para o processo de introspecção, D-503 perde a segurança que lhe era garantida por ser parte do Estado Único, e seu destino se concretiza quando ele é informado de que seus planos para entregar a Integral (projeto do estado único do qual ele era o engenheiro principal) aos sediciosos tinham sido descobertos. D-503 é capturado e sofre um processo de lavagem cerebral, perdendo o sentimento de individualidade que havia adquirido durante o decorrer da narrativa. O texto termina com o protagonista retornando ao estado de espírito que tinha antes do início do romance, e com sua certeza de que o estado único venceria, negando o progresso feito no decorrer do livro.

Burns destaca que, apesar de a obra de Le Guin ser inspirada pela de Zamyatin, ela também critica o modo como Zamyatin lida com alguns temas, e as conclusões a que ele chega. A diferença principal entre as das obras é o tom de cada uma. Enquanto "Os Despossuídos" mantém o otimismo e a fé no processo revolucionário, "Nós" pode ser considerado um romance anti-utópico, já que a repressão e a dominação estatal triunfam e o indivíduo se torna apenas uma parte do coletivo.

No início do século XX, quando surgem as primeiras revistas de histórias de ficção científica, o tom otimista é o que prevalece, de acordo com Peter Fitting. Nos Estados Unidos, a ideia geral era de que a tecnologia melhoraria o mundo. "O

¹¹¹ CARDOSO, André Cabral de Almeida. "Distopia", In: Jobim, J. L.; Araújo, N.; Sasse, Pedro Puro (Orgs.). (*Novas*) *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Makunaíma, 2021, p. 125.

¹¹² ZAMYATIN, Yevgeni. Nós. Lisboa: Antígona, 2004. P. 220.

¹¹³ BURNS, Tony. "Ursula K. Le Guin and The Disposessed" In: _____ *Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature*. Lanham: Lexington Books, 2010, p. 4.

otimismo sobre as possibilidades da ciência e da tecnologia é resumido, por exemplo, nas imagens da feira de Chicago de 1933/34, e principalmente na feira de Nova York de 1939/40 (que se intitulava 'Construindo o Mundo de Amanhã')". ¹¹⁴ No entanto, o otimismo da ficção científica se perde com a decisão de utilizar a bomba atômica contra civis no Japão, em 1945. "A maior invenção da humanidade tinha sido usada não para melhorar o mundo, mas para matar instantaneamente 200.000 pessoas."¹¹⁵

Nos anos 1960, surge uma nova geração de escritores, influenciados pelos movimentos por Direitos Civis, a contracultura, o movimento feminista e as demonstrações contra a guerra do Vietnã. Fitting argumenta que a tendência distópica termina definitivamente com Os Despossuídos, em 1974, seguido pelas obras utópicas de Samuel Delany e Joanna Russ. ¹¹⁶

No experimento utópico que Le Guin cria dentro do romance, ela mostra tanto as falhas do mundo de seu tempo, quanto as dificuldades do projeto utópico, com o ressurgimento gradual de hierarquia e privilégio e a crescente burocratização de Anarres. Mas as dúvidas reforçam a dedicação de Shevek ao ideal da revolução permanente no final do romance, quando ele retorna a Anarres¹¹⁷: "o fato de a sociedade Odoniana em Anarres não ter alcançado esse ideal não diminuía, a seus olhos, a sua própria responsabilidade para com ela; muito pelo contrário. Afastado o mito do Estado, a verdadeira mutualidade e reciprocidade entre sociedade e indivíduo tornou-se clara. Podia-se exigir o sacrifício do indivíduo, mas nunca a concessão: pois, embora somente a sociedade pudesse oferecer segurança e estabilidade, somente o indivíduo, a pessoa, tinha o poder da escolha moral — o poder da mudança, a função essencial da vida. A sociedade odoniana foi concebida como uma revolução permanente, e revolução começa no intelecto."¹¹⁸

Embora o conflito entre a maioria e o indivíduo também esteja presente em Anarres, desde o primeiro capítulo, quando uma multidão atira pedras em Shevek para tentar impedi-lo de embarcar para Urras, o final se mantém aberto, com a

¹¹⁴ FITTING, Peter. "Utopia, dystopia and science fiction". In: *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010, P. 140.

¹¹⁶ ibid, p. 143.

¹¹⁷ ibid, p. 145.

¹¹⁵ ibid, p. 140.

¹¹⁸ LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017. p. 325.

possibilidade de uma revolução em Urras, do retorno de Shevek para seu planeta natal, e uma abertura de comunicações entre Anarres e o resto do Universo, representada pelo *ansible* e pelos Hainish, que auxiliam Shevek com seu retorno.

A utopia ambígua de Le Guin, portanto, examina o ideal utópico criticamente preservando o sonho de emancipação humana, sem ignorar as limitações da tradição utópica. Apesar de evocar uma sociedade melhor, a utopia permanece em processo, e mantém a esperança.

O discurso de Shevek para o Sindicato da Iniciativa em Anarres, no capítulo 12, me parece captar o tom de esperança presente na obra: "O que pretendemos é relembrar que não viemos para Anarres por segurança, mas por liberdade. Se tivermos todos que concordar e trabalhar juntos, não seremos mais do que uma máquina. Se um indivíduo não puder trabalhar em solidariedade com os companheiros, é sua obrigação trabalhar sozinho. Sua obrigação e seu direito. Temos negado esse direito às pessoas. Temos afirmado, com frequência cada vez maior, que devemos trabalhar com os outros, que devemos aceitar as regras da maioria. Mas qualquer regra é tirania. A obrigação do indivíduo é não aceitar nenhuma regra, é ser o iniciador dos seus próprios atos. Somente se o indivíduo agir assim a sociedade poderá viver, mudar, se adaptar e sobreviver. Não somos súditos de um estado fundado na lei, mas membros de uma sociedade fundada na revolução. A revolução é nossa obrigação (...) Não podemos parar aqui. Temos de prosseguir. Temos de correr riscos." 120

A passagem lembra que a utopia de Anarres, apesar de ter falhas, não é um fracasso. Shevek é um revolucionário "por causa de sua criação e educação como um odoniano anarresti". Shevek pensa em sua sociedade como uma revolução permanente, e sabe que, "para reafirmar sua validade, era preciso agir, sem medo de punição e sem a esperança de recompensa; agir com o centro da alma." ¹²¹

¹¹⁹ ibid, p. 147.

¹²⁰ Ibid. p. 351.

¹²¹ Ibid. p. 176.

Considerações Finais

Nesse trabalho, analisei o romance "Os Despossuídos", tentando recuperar os referenciais teóricos e temas significativos para Ursula K. Le Guin, dando atenção a como a autora mescla o gênero da ficção científica e os elementos da tradição utópica e distópica.

Ao longo da pesquisa, pude demonstrar como Ursula K. Le Guin forma sua narrativa, utilizando estratégias do repertório da ficção científica, como o estranhamento cognitivo, através de um personagem que se encontra em um mundo estranho, e traços comuns da tradição utópica como a justaposição de duas sociedades diferentes para destacar seus problemas e possíveis alternativas.

Como apresentei anteriormente, no primeiro capítulo descrevi o panorama geral da história literária da utopia e de alguns temas importantes para a autora. No segundo, me aprofundei mais em como influências como o anarquismo e o taoismo aparecem no romance, além de explorar as relações entre Os Despossuídos e elementos do gênero de ficção científica e do gênero distópico, a partir do exemplo de Zamyatin.

Ao descrever as mudanças na escrita utópica ao longo do tempo, percebese como ela perde popularidade no século XX, dando espaço para o gênero distópico. Acredito que uma das maiores contribuições de Le Guin para a tradição utópica é a de reabilitar uma visão otimista do futuro, utilizando conceitos anarquistas, como a visão positiva que a autora tem da natureza humana e do potencial humano de trabalhar em cooperação.

À primeira vista, podemos pensar que a utopia de Anarres, imperfeita e tendendo a se cristalizar em uma forma hierárquica e dogmática, poderia ser uma condenação do projeto utópico, mas essa não é a mensagem do romance. Ao final do romance, Shevek cria uma centelha de revolução em Urras e escolhe não entregar o resultado de sua pesquisa, o *ansible*, para os Urrasti, que o utilizariam para perpetuar estruturas de poder. Em vez disso, ele entrega sua teoria, como um presente, para os terranos, confiando que será utilizada para facilitar a comunicação entre os mundos. A possibilidade da comunicação permite que imaginemos o planeta de Anarres mais ciente das desigualdades e problemas que levaram à criação

de sua sociedade revolucionária, portanto mais vigilantes quando à possibilidade de hierarquização, e o planeta de Urras não mais separado de alternativas políticas, tendo um símbolo de esperança em Anarres.

Ao afirmar que Shevek é um revolucionário "por causa de sua criação e educação" em Anarres¹²², Le Guin deixa claro que, apesar de Urras e Anarres terem falhado em suas soluções, o projeto utópico em si ainda tem mérito. A possibilidade de uma utopia dinâmica e revolucionária permanece viva.

¹²² LE GUIN, Ursula K. *Os Despossuídos*. São Paulo: Aleph, 2017. p. 176.

Bibliografia:

- ABOUT Ursula K. Le Guin. *Ursula K. Le Guin*. Biography. Disponível em: https://www.ursulakleguin.com/biography Acesso em: 1/12/2021.
- BAIN. Dena C. "The Tao Te Ching as Background to the Novels of Ursula K. Le Guin", *Extrapolation*, v. 21, n. 3, p. 209, 1980
- BURNS, Tony. "Ursula K. Le Guin and The Disposessed" In: ______

 Political Theory, Science Fiction and Utopian Literature. Lanham:

 Lexington Books, 2010
- CARDOSO, André Cabral de Almeida. "Distopia", In: Jobim, J. L.;
 Araújo, N.; Sasse, Pedro Puro (Orgs.). (Novas) Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Makunaíma, 2021
- CUMMINS, Elizabeth. *Understanding Ursula K. Le Guin*. Columbia: University of South Carolina Press, 1993.
- DAVIS, Lawrence. STILLMAN, Peter. *The New Utopian Politics of Ursula K Le Guin's the Disposessed*. Oxford: Lexington Books, 2005.
- ECO, Umberto. "Zen e o Ocidente". *In: Obra Aberta*. 8ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 203-225.
- FERNS, Chris. *Narrating Utopia: Ideology, Gender, Form in Utopian Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.
- FITTING, Peter. "Utopia, dystopia and science fiction". In: *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.
- GREENBERG, Martin Harry. OLANDER, Joseph D., "Introduction," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). *Ursula K. Le Guin*. Nova York: Taplinger, 1979.
- JACOBS, Naomi. "Beyond Stasis and Symmetry: Lessing, Le Guin, and the Remodeling of Utopia", *Extrapolation*, v. 29, n. 1, p. 34, 1988.
- KING, Winston L. "Eastern Religions: A New Interest and Influence." *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* 387 (1970): 66–76. http://www.jstor.org/stable/1036739

- KROPÓTKIN, Piotr. *Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução*. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.
- LAO TZU. *Tao Te Ching*. Boston: Shambhala Publications, 1997.
- LE GUIN, "Escape Routes", In: _____ *The Language of the Night*, Nova York: Putnam's, 1979.
- LE GUIN, Ursula K. *The Left Hand of Darkness*. New York: Harper and Row, 1980.
- LE GUIN, Ursula K. Os Despossuídos. São Paulo: Aleph, 2017.
- LE GUIN, "Science Fiction and Mrs Brown", In: _____ The Language of the Night, Nova York: Putnam's, 1979.
- LE GUIN, Ursula K. *The day before the revolution*. Nova York: Harper Collins, 2017, p. 1.
- LERNER, Michael. "Anarchism and the American Counter-Culture." *Government and Opposition*, vol. 5, no. 4, Cambridge University Press, 1970, pp. 430–55, http://www.jstor.org/stable/44484492.
- MARSHALL, Peter. Demanding the Impossible: A History of Anarchism.
 ed. Oakland: PM Press, 2010.
- MARTINS, Nilciana Alves. Emma Goldman: Trajetória, anarquismo e
 feminismo. Anais do encontro internacional e XVIII encontro de história
 da anpuh-rio: história e parcerias. Disponível em:
 https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529783999 A
 RQUIVO_ARTIGOANPUH-RJNilcianaAlvesMartinsatualizado.pdf
- MENDLESOHN, FARAH. Introduction: reading science fiction. In: *The Cambridge companion to science fiction*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- MOYLAN, "Tom. Beyond Negation: The Critical Utopias of Ursula K. Le Guin and Samuel R. Delany". *Extrapolation*, v. 21, n. 3, p. 236, 1980.
- MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Oxford: Peter Lang, 2014.
- MOYLAN, Tom. Scraps of Untainted Sky. Boulder: Westview Press, 2000.
- RASHLEY, Lisa Hammond. "Revisioning gender: Inventing Women in

- Ursula K. Le Guin's nonfiction." *Biography*, vol. 30, no. 1, 2007, pp. 22–47. JSTOR, www.jstor.org/stable/23540596. Acessado: 25 de Junho de 2021.
- SMITH II, Philip E., "Unbuilding Walls: Human Nature and the Nature of Evolutionary and Political Theory in The Dispossessed," In: Joseph D. Olander and Martin Harry Greenberg, (org). *Ursula K. Le Guin*. Nova York: Taplinger, 1979.
- SUVIN, Darko. (1972). On the Poetics of the Science Fiction Genre. *College English*, *34*(3), 372–382. https://doi.org/10.2307/375141
- SUVIN, Darko. "Parables of De-Alienation: Le Guin's Widdershins Dance." *Science Fiction Studies*, vol. 2, no. 3, 1975, pp. 265–274. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/4238978. Acessado: 9 de Junho de 2021.
- STREITFELD, David. *Ursula k. le guin: the last interview and other conversations*. Nova York: Melville House Publishing, 2019.
- THEALL, Donald F. "The Art of Social-Science Fiction: The Ambiguous Utopian Dialectics of Ursula K. Le Guin." *Science Fiction Studies*, vol. 2, no. 3, SF-TH Inc, 1975, pp. 256–64, http://www.jstor.org/stable/4238977. P. 256.
- WEXLER, Alice. *Emma Goldman: an intimate life*. Nova York: Pantheon, 1984.
- WOOD, Susan, "Introduction", In: LE GUIN, Ursula K. *The Language of the Night*, Nova York: Putnam's, 1979.